

DONA TUDE

Dona Tude enviuvou cedo, ficou com um pequeno sítio e três filhos pequenos para cuidar na cidade do interior. Com dificuldades para tocar a vida, vendeu o sítio e comprou uma casa naqueles conjuntos habitacionais do BNH na perifa da cidade. Foi criando os filhos com muita dificuldade, se desdobrava lavando ou passando roupa para fora, até que descobriu o poder da mendicância numa sociedade desumanizada, de consciência pesada que dá moedas para se livrar de uma culpa real ou imaginada. O pároco da igreja e o pastor do bairro a conheciam de longe, sempre aparecia para pedir roupa velha ou uma cesta básica.

Qualquer promoção das lojas ou supermercados do centro da cidade, lá estava dona Tude. Era pipoca ou algodão doce que a loja distribuía de graça na inauguração, ela aparecia com a tropa de filhos na fila para pegar o seu. Dentro da loja, qualquer oferta de degustação de leite condensado, café ou alguma comida nova, esquisita, “dos estrangeiros”, lá estava ela novamente para uma boquinha. Passava na Câmara Municipal para filar um cafezinho dos vereadores já pago pelo erário municipal e aproveitava para pedir alguma coisa aos nobres edis, qualquer coisa. Foi nessa época que começou a bolar um plano para o futuro dos filhos, “prá pendurar os meninos na capanga do governo”, como dizia.

Fez os meninos estudarem, mas naquela época não havia concurso público, para entrar era preciso ter “QI”, apadrinhamento puro e simples. De tanto atormentar os vereadores de situação e oposição, ela com o copinho de café nas mãos e implorando por uma vaga, qualquer uma, acabou conseguindo. Os três meninos logo viraram estagiários, depois funcionários da prefeitura, enfim conseguiu “pendurar todos na capanga do governo”.

Mesmo depois que a cidade cresceu e os filhos seguiram a vida, continuou do mesmo jeito. Já havia incorporado em seu personagem a “pedição” ou a venda de qualquer coisa para estar na rua e garantir o sustento. Começou a subir e descer rapidamente dos ônibus que serviam mal e porcamente seu bairro da periferia. Com sua voz potente, pedia mil perdões ao entrar e falava “desculpe atrapalhar, mas estou desempregada, com três filhos, então estou vendendo estas bolachas e panos de prato que eu mesma bordei”, o que era meia verdade, ela cortava os panos, mas quem cerzia e bordava era uma vizinha caprichosa. “Mas se não quiserem comprar nada, aceito umas moedas”. Era o tempo de vender ou ganhar alguma coisa e descer no ponto seguinte, sob o olhar complacente do motorista e do cobrador, que já a conheciam, fazia parte do folclore da cidade.

Até que apareceu um vereador novo que queria “moralizar e modernizar a política”, como dizia no rádio, todo empolado. Em sua cruzada higienista e elitista, sua primeira providência foi pedir a polícia para coibir pedintes nas esquinas e, se necessário, botá-los a ferro. Dona Tude achou melhor colocar as barbas de molho, finalmente resolveu se aposentar dizendo aos filhos: “se esse homem, que é muito rico e poderoso, também pendurou sua capanga no governo, quem sou eu para enfrentá-lo, vou cuidar da horta e, no máximo, pedir umas roupas usadas pro padre Zé”. Mudou de rumo, passou a jogar na loteria esportiva. Idade avançada, os ouvidos ficaram moucos. Grudada no radinho, tinha sempre um dos netos ao lado para anotar

os resultados e checar a cartela: “Bambu 2 x Acrécimo 1”, ela ouvia e o neto corrigia – “é Bangu 2 x Atlético 1, vó”.

Mauro Ferreira é arquiteto